

À ESCUTA DO TEXTO

CONTRIBUTOS PARA REPENSAR A TAXONOMIA DA TRADUÇÃO

Fernando Ferreira-Alves

“A translation can – in fact, must – let itself go” (BENJAMIN 1992, 79), Nesta frase, Walter Benjamin detectava contornos de dinamismo no fenómeno da tradução, no decurso do qual o próprio texto toma consciência da sua condição de entidade desenraizada e, perante à deslocação e fragmentação operadas, adquire uma mobilidade específica, iniciando um percurso de deriva e errância no qual esses fragmentos dotados de uma autonomia própria (INGOLD 1994, 25) acabam por contemplar a hipótese da sua fixação ou enraizamento alternativo num solo diferente, segundo as leis do fluxo linguístico.

Perante o convite formulado para apresentar hoje uma comunicação neste seminário, a dicotomia Tradutor literário vs Tradutor Técnico acabou por despertar em mim um desafio e, ao mesmo tempo, um dilema. Desafio porque esta problemática se encontra intimamente ligada ao meu próprio percurso pessoal e profissional, também ele caracterizado por focos de tensão, avanços e recuos, simultaneamente convergentes e divergentes entre estas duas categorias textuais. Dilema ante a aparente impossibilidade de conciliar o inconciliável e, ao mesmo tempo, abordar com necessária lucidez e objectividade uma questão já de si pouco pacífica, procurando, ao mesmo tempo, integrá-la no contexto real e concreto da tradução dita profissional.

Com base na minha experiência profissional, pretendo tão só transmitir algumas das perplexidades sentidas por estes “esquecidos da literatura”, pedindo emprestada a definição de Jorge Silva Melo, indivíduos que, como tantos dos presentes nesta sala, sentem a angústia da indecisão e da escolha, deslocando-se entre universos aparentemente díspares, vivendo dilacerados perante a manifesta impossibilidade de fixação, condenados a concretizar esse milagre da aproximação construindo pontes de sentido, absorvidos pelos cânones da tradução, espartilhados e desenraizados, deambulando nessa espécie de limbo periférico numa errância sem fim.

Indivíduos que transportam consigo o desígnio do “estrangeiro”, conscientes da ambiguidade entre pertença e desenraizamento físico e psicológico, vivendo nesse espaço autónomo e singular simultaneamente dentro e fora do texto (TODOROV 1996, 23). Indivíduos que são constantemente obrigados a estabelecer pontos de contacto entre mundos e universos de referência tão diferentes, para neles encontrar redes de conexões e sentido, influenciados pelas alterações na estrutura da crosta textual, em sintonia com o respirar e o pulsar da língua, no fundo regendo-se pelo tempo íntimo do texto. Estranha actividade bicéfala esta, e bizarro desígnio este no decurso do qual, tal como Penélope, o tradutor se vê obrigado a fazer e a refazer o texto, construindo e desmanchando essa manta textual do outro, feita de pontos, nós e fios que o tradutor recolhe para trilhar o seu próprio caminho. Processo este em que o texto se assume como desdobramento, expondo-se como dobra leibniziana e prolongando-se até ao infinito, estruturado em camadas, estratos e substratos. Um texto composto por dobras interiores animadas e orgânicas, dotado de uma fluidez e plasticidade, qual corpo flexível e elástico dividindo-se em múltiplas linhagens orgânicas, embora preservando a mesma pluralidade irreduzível (DELEUZE 1991, 17). Corpo dinâmico, plural e polivalente, possuidor de uma multifuncionalidade polimórfica e em permanente movimento de tensão-distensão, contracção-dilatação, consubstanciado num tipo de escrita proteiforme característica do acto de traduzir.

No fundo, indivíduos cuja função é a escolha da palavra certa e essencial (BONNEFOY 2000, 8), que vivem a indefinição e inconstância desse processo constante de tomada de decisões, essas “almas sintonizadas e mediúnicas (...) difusoras mágicas das suas palavras, que procuram entender em todos os recônditos sentidos e preservar vivas e equivalentes na transplantação verbal.” (TORGA 1993, 39-40). Analisando as componentes e especificidades do texto, procurando o supremo saber, o fim desse lento e torturante processo de fixação e cristalização do sentido, vendo para além da opacidade do texto, convertendo, vertendo, metamorfoseando, sentindo, detectando e interpretando o seu latejar, corrente sanguínea ou lava incandescente que brota das profundezas do texto até irromper como que por solidificação através da malha textual, momento epifânico de revelação em que o sentido explode revelando toda a sua intensidade proteica.

O modelo que proponho para tentar conciliar a dicotomia entre tradução técnica e literária recupera uma perspectiva defendida pela corrente dita funcionalista da tradução, proposta por Katharina Reiss, e mais tarde, por Christiane Nord, sobretudo pela forma como recuperam as funções da linguagem e as aplicam ao modelo de tradução como base para a identificação de tipologias textuais específicas. De igual forma, parece-me igualmente válido introduzir neste estudo a classificação textual realizada por Peter Newmark em 1988 que, embora também baseada nas macrofunções do discurso de Bühler, acrescenta e integra as funções de Jakobson, por sua vez radicadas em intenções de comunicação que reforçam a sua multifuncionalidade e polivalência.

Por outro lado, afigura-se-nos igualmente pertinente transpor para a avaliação do fenómeno da tradução o modelo preconizado por Justa Holz-Mänttari na obra *Translatorisches Handeln: Theorie und Methode* de 1984, designado “Translational action” e no decurso do qual nos é apresentado um figurino alicerçado numa vasta gama de situações retiradas de um contexto profissional e cuja grande vantagem é colocar a tónica no próprio processo da tradução e, mais concretamente, na definição de um perfil profissional do tradutor. Efectivamente, ao classificar a divisão clássica entre conteúdo e forma, a autora sugere que o conteúdo será estruturado com base naquilo que ela designa por “tectónica”, sendo que a forma incluirá a própria textura do texto, isto é, apresentando-nos o texto como possuindo uma dinâmica e uma dimensão específicas.

Gostaríamos, portanto, de convocar a metáfora geológica da tectónica de placas, para descrever o tipo de acções e transformações que o processo de tradução opera na camada e estrutura do texto. Em termos geológicos, uma *placa* é um segmento rígido da crosta terrestre constituído por rocha sólida. A palavra *tectónica* encontra a sua raiz no grego como o equivalente vernacular do significado do verbo *construir*. Juntando estas duas palavras obtemos a designação de “*tectónica de placas*”, que se refere à ideia de que a superfície da Terra é construída por placas. Assim, numa perspectiva simplificada, podemos considerar que a teoria da tectónica de placas sustenta que a camada mais exterior da Terra, a crosta, se encontra fragmentada em placas

de diferentes dimensões, que se movem umas em relação às outras ao deslizar sobre material mais quente e móvel do interior da Terra.

Se, entretanto, transpusermos esta nomenclatura para o nível textual, a questão da fragmentação permite entender o texto como algo dinâmico e móvel e compreender a forma como os processos de tradução ocorrem, tornando-se clara a noção de que toda a superfície do texto se encontra em contínua mutação e, tal como o movimento dos continentes, o tradutor é confrontado com um texto à deriva, repleto de cristas, depressões e falhas transformantes, fruto desse movimento convergente e divergente de placas.¹ Tal como a superfície terrestre, a superfície do texto encontra-se, por isso, fragmentada em enormes placas - placas litosféricas - cuja posição e tamanho variam ao longo dos tempos. As extremidades destas placas, devido à interacção que se estabelece entre as mesmas, constituem locais de intensa actividade geológica, sobretudo sísmica e vulcânica.

Continuando com a metáfora geológica, é um dado adquirido que, durante o processo de tradução, o texto resiste, espera, adia a revelação do seu sentido. Tal como toda a prática artística ou científica há sempre uma rejeição, retracção, repulsa e resistência iniciais que é necessário e urgente ultrapassar. Porém, depois de ultrapassar essas barreiras, de transpor essa dimensão outra em que o texto se revela, é possível aceder ao que de mais íntimo nele corre, vencendo a resistência, limando arestas, burilando conceitos, depurando, partindo pedra, escavando, mergulhando no magma orgânico e, qual geólogo, proceder ao exame desses níveis, subníveis, estratos, substratos ocultos e, ao mesmo tempo, interpretar esses marcos de sinalização dispostos ao longo do percurso, classificando, rotulando, analisando, desvelando sentidos, formas e conteúdos, detectando, lendo e medindo intensidades e interpretando os abalos sísmicos. Descodificando e aferindo os graus de tensão e distensão, o impacto da deformação do texto, a sua expansão ou contracção, dilatação ou redução, as suas rachas, os seus ecos, reverberações e sombras, como se de um sismólogo se tratasse, nessa busca incessante de uma transcendência imanente.

¹ <http://www.terravista.pt/Copacabana/1519/tectonica/3.htm>

Por isso, também o acto de traduzir pode ser encarado como um abalo telúrico que produz inevitavelmente uma multiplicidade de fendas e fissuras na camada do texto e que, tal como num jogo de intensidades, divisões, tensões, avanços e recuos, cada elemento, micro ou macro textual luta por alcançar um ascendente ou protagonismo sobre os restantes, reflectindo-se nas inevitáveis e permanentes mudanças na tectónica do texto, afinal as diferentes manifestações da tradução inscritas no mapa do texto.

O modelo que proponho pretende encarar o texto, afinal a matéria-prima do tradutor, como uma rede complexa de relações, tensões e distensões, convergências e divergências no interior do qual circula uma mesma matriz orgânica que se vai adaptando e sendo adaptada consoante o ascendente conquistado por cada elemento após a intervenção fracturante inicial.

Assistimos, portanto, a um texto gerado e produzido sobre magma e sedimentos, como se por metamorfose o texto adquirisse vida e se cristalizasse através do simples acto de verbalizar pela escrita. Efectivamente, serão esses mesmos marcos miliários, pontos de sinalização espalhados pela paisagem que servem de elementos estruturantes e configuradores, norteadores desse percurso que é a própria reescrita pelo tradutor. (RIFFATERRE 1995, 58).

E é precisamente durante a configuração da paisagem no momento em que ocorrem esses movimentos tectónicos subterrâneos que o texto adquire uma forma e um sentido específicos, momento sublime de erupção em que apenas restam esses novos fragmentos estruturantes quando a lava solidifica e o magma ganha forma.

Perante esta necessidade de tudo classificar e englobar numa nomenclatura e figurinos espartilhantes, a solução proposta por Emil Staiger na obra *Conceptos Fundamentales de Poética*, tradução espanhola do original de 1952 em língua alemã com o título *Grundbegriffe der Poetik*, para resolver a questão tripartida dos géneros literários parece-nos útil para o objectivo que preside a esta painel, isto é a confluência ou não entre tradução técnica e tradução literária. Isto porque, por vezes, e no caso concreto da tradução profissional, o problema da rigorosa sistematização dos géneros ou tipologias textuais traz consigo uma saturação descritiva e taxonómica que acaba por criar uma catalogação demasiado estreita e, ao mesmo tempo, condicionar a sua análise e estudo. Isto é, à força de tanto classificar e enumerar as árvores

e vegetação envolvente, corremos o risco de perder a visão do bosque no seu todo e, ao mesmo tempo, somos levados a forçar uma outra matriz teórica e conceptual sobre o texto, espartilhando e condicionando o seu sentido, motivados por uma concepção apriorística dos valores e das coisas.

Por isso, se retomarmos as macrofunções da linguagem e se, à semelhança de Staiger, procedermos à classificação de um dado texto, seja ele técnico, científico ou literário, com base no ascendente de uma dada função sobre as restantes, isto é, detectando qual a mais relevante e a que sobressai em relação às outras, obteremos uma tipologia de classificação dos textos radicada nessa espécie de máximo denominador comum estruturante. Staiger falava, de facto, da chamada teoria dos géneros, nomeadamente a divisão tripartida entre o género lírico, dramático e épico, insurgindo-se contra a dificuldade em enumerar e ordenar a complexa variedade das suas manifestações poéticas, bem como a necessidade de ter um critério selectivo nessa ordenação (STAIGER 1966, 22).

Porém, na tradução dita profissional, as classificações têm de ser constantemente retocadas e é a própria complexidade dos textos que cria problemas à sua classificação. O texto assume-se como tendo uma tectónica e uma textura específicas, embora sem contornos fixos e bem delineados, vivendo sob a acção de forças configuradoras em choque permanente.

Dessa forma, partindo do princípio de que a tradução existe sempre num estado processual e potencialmente actualizável, representa, por um lado, um acto deliberado de resistência e combate face ao carácter fixo e normativo dos textos e, por isso, a sua classificação deixa de ser um conjunto de preceitos, prescritiva e normativa, ou uma simples catalogação de fenómenos.

Transpondo o referido modelo para a análise das características constitutivas dos textos, sejam eles técnicos, literários, científicos, tecnológicos, económicos ou jurídicos, podemos afirmar que neles todas as tipologias ou macrofunções coexistem sob a forma latente e em estado de potencial actualização, complementando-se e integrando-se num todo orgânico. Isto é, tratam-se de elementos temporalmente constitutivos do ser e reflexo da alma do texto. A ideia é que qualquer texto pode conter em si doses iguais ou não dessas marcas predominantes da textualidade, que lhe conferem uma coesão e uma coerência específicas, até à altura em que uma, ou mais, irrompem e

atravessam a malha do texto, adquirindo um predomínio face às restantes. Por outras palavras, sabendo que as funções dialogam entre si dentro do texto, e sabendo também que é impossível estabelecer uma rígida hierarquia, a maioria dos textos acaba mais ou menos por concretizar determinadas macrofunções, embora haja uma dominante.

A perspectiva que nos interessa sublinhar é de que em qualquer tipo de texto alvo participam, em diferentes graus, formas e intensidades, determinadas macrofunções do discurso características da tradução, e que esta diversidade de participação é que explica a razão de ser das múltiplas e imprevisíveis formas operadas linguisticamente no decurso dos procedimentos de transferência de sentido efectuados durante a tradução. (STAIGER 1966, 24)

E a verdade é que são inúmeros os exemplos de textos literários tão ou mais complexos do que um texto científico, textos poéticos mais difíceis e herméticos do que o mais hermético dos tratados e contratos, mas também contratos, textos jurídicos ou científicos de uma translucência diáfana, com uma poesia, porque não, certamente bastante própria, com um ritmo, respiração, pulsar, cadência e encadeamento quase perfeitos. E isto leva-nos a que, num dado ponto do processo, no final desta longa cadeia de intersecções, feita de diálogo e mestiçagem, o texto dito técnico ganha uma tal espessura e dimensão que encontra eco no *dictum* de Marinetti "Um automóvel de corridas... é mais belo do que a Vitória de Samotrácia.", ou se quisermos aplicar o equivalente português "O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo." de Álvaro de Campos.

Por isso, recusamos a dimensão redutora do mecanicismo da tradução especializada como se esta tivesse como base uma simples redacção padronizada e rotineira, aliada a um determinado repertório lexical restrito e a uma terminologia e fraseologia específicas. Parece-me também algo simplista reduzir a questão apenas à inspiração, labor, mestria e arte da tradução literária, em detrimento de uma tradução técnica excessivamente mecanizada, mais dura, pesada, insensível, resistente e difusa. Daí a dificuldade em resumir redutoramente tudo à velha dicotomia literário vs técnico/científico vs jornalístico, económico vs jurídico. Gostaríamos de sublinhar novamente que ambas as componentes estão juntas e podem emergir num mesmo texto.

Misturam-se e fundem-se. Pensamos, de facto, que se tratarão de duas faces complementares de uma mesma moeda, de um mesmo processo e de um mesmo fenómeno, irmãos gémeos siameses unidos inexoravelmente pelo fio condutor do texto, fluxo orgânico onde são alimentados através desse cordão umbilical que os liga a uma origem comum, no interior desse líquido amniótico que é também um espaço de ligações rizomáticas (BARRENTO 2001, 91), esse mundo do meio onde é gerada a tradução.

Sendo assim, a escolha da tradução adquire contornos de referência sólida, mas também de uma viagem que permite ao tradutor atravessar essa “terceira língua” de Antoine Berman, rumo ao espaço de uma alteridade cúmplice e momento de fusão de horizontes (citado por JORGE 1997, 67). E será precisamente aí, nesse outro espaço criativo, nessa *língua de ninguém* identificada por Miguel Serras Pereira (PEREIRA 1998, 29) potencialmente actualizável e dinâmica que se processa esse misto de metamorfose e transfusão. No fundo, um espaço periférico, vital e alternativo onde germina uma outra vida autónoma e livre de condicionalismos, “jangada de pedra” na qual ocorre essa violência fecundadora da tradução (BERMAN 1984, 16).

De facto, toda a tradução implica transfiguração, metamorfose, transfusão, conflito e ruptura. O texto é um campo indefinido em permanente tensão, onde a linguagem trabalha incessantemente e onde o sentido está em fluxo permanente. E o papel do tradutor será precisamente interpretar o fluxo, o devir do texto, captando o fenómeno da tradução em toda a sua imanência temporal. Daí que a metáfora da tradução como experiência libertadora nos permita, tal como a Derrida, identificar e associar a tradução a um alargamento e disseminação da linguagem enquanto viagem em direcção ao absoluto desconhecido (DERRIDA 1982, 191). A tradução como experiência desintegradora e contaminante, mas ao mesmo tempo estruturante e unificadora de sentidos, encerra em si um diálogo e enriquecimento mútuos, algo que encontramos em George Steiner quando identifica esse movimento dialéctico de tolerância e confiança que envolve o reconhecimento da vulnerabilidade de um texto incapaz de encontrar o seu ponto de fixação exacta no espaço e no tempo (STEINER 1998, 416).

Pretendemos, tão só, basearmo-nos numa perspectiva segundo a qual a tradução nos propõe um percurso que impele o tradutor e a palavra rumo a

uma viagem sem fim e que, em si, cria a chamada des-locação, metáfora da “remoção do lugar”. Tal como o tradutor, o texto e a palavra mostram-se, por conseguinte, entidades desenraizadas num contexto de errância pautado pela ausência de fixação e de barreiras. Perante os sentidos de desenraizamento na escrita, os textos-outros encontrados na tradução funcionam como elementos potenciadores da “re-locação” do sujeito e dotadores de uma maior confiança identitária. De facto, ao considerarmos esses “textos-outros” como fragmentos dotados de mobilidade ou, mais concretamente, enxertos, obteremos a condição essencial para que os mesmos possam, simultaneamente, exercer uma função contaminadora e disseminadora da palavra num outro solo. De facto, a partir do momento em que o texto se estilhaça, o fragmento passa a ser agente contaminador, encarado não como uma entidade fechada, mas sim como um corpo autónomo e estruturante (BENJAMIN 1992, 79)

Repare-se como, a partir da sua génese em torno das noções de mobilidade e errância, a tradução pode legitimamente apresentar-se como um fora-do-texto móvel e aberto, “com uma configuração no interior da qual circulam discursos” e em que cada um dos fragmentos mantém a mesma relação com o paradigma textual (TOPIA 1979, 178 e 180). Ao tornar-se o receptáculo móvel, o lugar geométrico de um fora-do-texto que o percorre e informa, deixa de ser um bloco fechado por fronteiras estáveis e instâncias de enunciação claras. (TOPIA 1979, 171).²

Sendo assim, após o inevitável efeito de estilhaçamento produzido numa primeira fase, a tradução oferece-nos uma tarefa de ordenação de fragmentos e recuperação de irrupções dum texto noutro, susceptíveis de estabelecer contacto com uma tradição ou genealogia comuns, como se a tradução fosse uma espécie de arqueologia, talvez mesmo genealogia, na superfície profunda do texto sob a superfície da vegetação linguística.

Esta perspectiva aponta para um considerável potencial de renovação, permitindo encarar a tradução como “máquina desestabilizadora” (JENNY 1979, 45) pela contaminação exercida junto do texto de chegada. Porém, já

² Veja-se, a propósito, a posição de Felix Ingold sobre um errar do tradutor entre textos perante a própria mobilidade do lugar: “La situation intenable, le paradoxe du traducteur qui, errant dans un no-man’s-land parmi les textes, n’a pas de *lieu*, parce qu’il est le lieu mobile, à partir duquel et vers lequel la traduction, exhalaison fleurissante, s’élève dans une lumière encore et toujours différente. (INGOLD 1994: 22).

que a tradução contém em si os mecanismos adequados de adaptação à distorção, a tarefa do tradutor pode corresponder a um processo simultaneamente dinâmico e precário de ganhos e perdas, equivalente ao esforço de naturalização, aclimatação e integração de um produto num novo contexto, como sugere a perspectiva hermenêutica de George Steiner:

We come home laden, thus again off-balance, having caused disequilibrium throughout the system by taking away from 'the other' and by adding, though possibly without ambiguous consequence, to our own. The system is now off-tilt. The hermeneutic act must compensate. If it is to be authentic, it must mediate into exchange and restored parity (STEINER 1998, 316).

E, no entanto, a tradução “torna-se um texto-enxerto que ‘pega’, isto é, que se enraiza no seu novo meio e nele tece laços orgânicos. (...)” (TOPIA 1979, 175). Por isso, a tradução apresenta-se também como metáfora do enraizamento e da forma como esse texto enxertado é transplantado e aprende a germinar, ou seja, sobreviver, num ambiente linguístico e cultural estranho diferente do seu ecossistema dinâmico de origem, composto por um conjunto de “corpos estranhos provenientes dum espaço textual diferente” que foram transplantados para um novo ecossistema, “fragmentos dum texto mais vasto de onde foram arrancados, como blocos erráticos circulando sem origem nem fim” (TOPIA 1979, 194).

Recuperando a relação potencialmente dinâmica que compõe esses espaços em branco onde a tradução se inscreve no tecido textual será, portanto, possível, descobrir uma nova matriz de relações e funções no esquema global do texto, decifrar o não explícito dos textos, vasculhar na superfície textual, apresentar novas leituras e encontrar as redes subterrâneas de sentido, como se o tradutor pudesse gradualmente desmultiplicar a palavra e fazê-la surgir noutros solos, conferir-lhe novos poderes, novos terrenos verbais onde germinar, preparando assim o advento de uma nova língua e, em suma, tal como sustenta Yves Bonnefoy reparar o desastre de Babel (BONNEFOY 2000, 38).

Em suma, esta é uma perspectiva de abordagem da tradução técnica e literária que privilegia a exploração das dualidades entre os espaços vazios de sentido e que entende o texto como continente à deriva separado de uma massa continental única, a Pangeia, mas com um extraordinário potencial

dinâmico e plástico, sujeito à acção de forças externas e internas, em permanente estado latente para a criação e geração de sentidos num terreno e condições hostis, esses “places where a thought might grow” identificados por Derek Mahon no poema “A Disused Shed in Co. Wexford”, onde o sentido germina e se revela.

Bibliografia

- BARRENTO, João (2001): *A Espiral Vertiginosa. Ensaio sobre a cultura contemporânea*, Lisboa, Edições Cotovia.
- BENJAMIN, Walter (1992): “The Task of the Translator”, in SCHULTE and BIGUENET (eds.), *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*, Chicago, The University of Chicago Press.
- BERMAN, Antoine (1984): *L'Épreuve de l'Étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, Paris, Tel Gallimard.
- BONNEFOY, Yves (2000): *La communauté des traducteurs*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg.
- DELEUZE, Gilles (1991): *A Dobra. Leibniz e o Barroco*, Campinas, Papirus Editora.
- DERRIDA, Jacques (1982): *L'oreille de l'autre: Otobiographies, transferts, traductions: Textes et débats avec Jacques Derrida*. Lévesque et McDonald (eds.) Montréal: VLB.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa (1984): *Translatorisches Handeln: Theorie und Methode*, Helsinki, Suomalainen tiedeakat.
- INGOLD, Felix Philipp (1994): “Il exerce son ouïe; Oui, il traduit”. *Traducere. La Revue des Belles Lettres*. Numéro 3-4 1994. Genève.
- JENNY, Laurent (1979): “A estratégia da forma”. *Intertextualidades: Poétique n° 27*. Coimbra: Livraria Almedina.
- JORGE, Guilhermina (coordenação editorial) (1997): *Tradutor Dilacerado: Reflexões de Autores Franceses Contemporâneos sobre Tradução*, Lisboa, Colecção Voz de Babel, Edições Colibri.
- MAHON, Derek (1990): *Selected Poems*, London, Penguin Books.

- PEREIRA, Miguel Serras (1998): “A língua de ninguém”. *Da Língua de Ninguém à Praça da Palavra*, Lisboa, Colecção Margens, Fim de Século Edições.
- RIFFATERRE, Michael (1995): “Compulsory reader response: the intertextual drive”. Worton and Still (eds.): *Intertextuality: Theories and Practices*. New York: Manchester University Press.
- STAIGER, Emil (1966): *Conceptos Fundamentales de Poética*, Madrid, Ediciones Rialp.
- STEINER, George (1998): *After Babel: Aspects of Language & Translation*, Oxford, Oxford University Press.
- TODOROV, Tzvetan (1996): *L’homme dépaycé*. Paris: Éditions du Seuil.
- TOPIA, André (1979): “Contrapontos Joycianos”. *Intertextualidades: Poétique n° 27*. Coimbra: Livraria Almedina.
- TORGA, Miguel. *Diário XVI*. Coimbra: n. p., 1993. 39-40.

ESTOU AQUI